

Lugares de prosa: práticas de sociabilidade em um povoado rural.

Josiane Thethê Andrade *

Resumo: Este artigo busca analisar as práticas de sociabilidade, bem como, as formas de diversão e lazer da população do povoado rural do Tabuleiro, localizado no município de Mutuípe, Estado da Bahia, entre os anos de 1960 a 1985. Dentre os aspectos estudados se enfatiza, a festa da burrinha, os adjutórios e as vendas, estabelecimentos comerciais. Estas últimas se destacam por serem verdadeiros “observatórios populares” como as definiu o historiador Sidney Chaulhoub. Já os adjutórios organizados pelos moradores do povoado para ajudar na lida com a lavoura, constituíam um importante momento de solidariedade e diversão, no qual trabalho e lazer se confundiam. E por fim, a festa da burrinha, que aproximava as pessoas que “brincavam”, favorecendo o desenvolvimento de relações sociais. Na pesquisa foram usadas, sobretudo, narrativas orais que possibilitaram observar e discutir tais práticas cotidianas.

Palavras-chave: sociabilidade; cotidiano; lazer.

Abstract: This article aims to analyze the practices of sociability, as well as, the forms of entertainment and leisure the population of the Tabuleiro’s village, located in the municipality of Mutuípe, Bahia State, between the years 1960 to 1985. Among the studied aspects emphasizes, the feast of “burrinha”, “adjutórios” and the “vendas”, commercial establishments. This last stands out as a true “popular observatory” as defined the historian Sydney Chaulhoub. Already the “adjutórios” organized by the inhabitants of the village to help in dealing with tillage, was an important moment of solidarity and entertainment, in which work and leisure if confound. And finally, the feast of “burrinha” approached the people who participated, favoring the development of social relations. In the research were used, especially, oral narratives that enabled observe and discuss such daily practices.

Key-words: sociability; quotidian; leisure.

O objetivo do presente artigo é, justamente, discutir como em momentos de lazer e diversão, emergem sociabilidades reveladoras de comportamentos e mais que isso, aspectos constituintes de costumes e tradições do homem do campo, constituídos historicamente.

O Tabuleiro, como povoado rural, localizado num ambiente marcado pela vida campestre não foge a sua dinâmica cotidiana. As práticas sociais do lugar estavam, diretamente, associadas ao trabalho na roça, a lida com os animais, a convivência com a natureza, aos costumes e tradições do campo, expressas nas relações de solidariedade entre os moradores, nas festas, nas rezas, nos conflitos, nas relações de trabalho e exploração presentes nas práticas e vivências da população local.

* Mestranda em História Regional e Local pela Universidade Estadual da Bahia – UNEB. E-mail: jothethe@hotmail.com

À medida que o tempo avançava e a urbanização e industrialização eram operadas na sociedade brasileira entre os anos 50 e 80, muitas das tradições, costumes e festas do Tabuleiro foram desaparecendo ou caindo em desuso. Outras resistiram, mas boa parte foi cedendo lugar a novos lugares de memória e novas práticas sociais. Os antigos caminhos deram lugar à estrada de rodagem, as máquinas e tratores passaram a tomar as vagas de emprego dos trabalhadores, tornando a migração uma opção na busca por melhores condições de vida. As festas tradicionais e as manifestações culturais da região são um bom exemplo de como as transformações vivenciadas na época refletiram na vida cotidiana e nas práticas culturais da população. As memórias dos Srs. Pedro Andrade e Carmerino Thethê traduzem bem as mudanças e transições entre “novos” e “antigos” valores ao falarem das festas que aconteciam no Tabuleiro.

“No Tabuleiro tinha bumba-boi, tinha burrinha, tinha tourada, dava muita festa. Agora as festas, inté agora, era diferente da de hoje, que a festa inté agora tinha os tocador, tinha tudo isso. E hoje, hoje tudo é fita gravada, é isso, é aquilo, é diferente.¹

No Tabuleiro existia bumba-boi, burrinha pro povo brincar, por ocasião vinha algum circo pro Tabuleiro. Aí, depois em 48 fizeram aquele prédio. Aí começou na inauguração do prédio, foi uma grande samba, uma grande festa. Daí pra cá ficou de sempre em sempre, fazia uma festinha no Tabuleiro. Sempre em aniversário, nas festas das crianças, tinha férias né, tinha dança, tinha estas festas né. Daí pra cá ficou assim o Tabuleiro que nem Mutuípe mesmo. As festas em Mutuípe não existia, micareta, não existia banda, não existia trio elétrico, não existia nada.²

As palavras “fita”, “trio elétrico”, “micareta”, “CD” evidenciam alguns dos novos elementos incorporados as festas, substituindo o “tocador”, a “burrinha”, o “bumba-boi”. As festas, portanto, ganharam novas formas, enquanto outras foram desaparecendo. Ao que parece, as inovações técnicas e científicas influenciaram na vida da população mudando certos hábitos e costumes, no entanto, não podemos atribuir o desaparecimento de certas tradições unicamente as influências da modernidade, já que a população tem capacidade de resistir as mudanças. Mesmo modificados em certos aspectos, muitos costumes e tradições permanecem como as festas juninas, as rezas, ao mesmo tempo em que a burrinha, o bumba-meu-boi, o terno de reis, o samba de roda, os adjutórios estão caindo em desuso no povoado hoje em dia.

É importante lembrar que, as manifestações culturais, as festas, as formas de diversão, em uso ou desuso, mantêm-se vivas nas memórias dos depoentes, constituindo um elo vivo com o presente. As lembranças das festas e diversões emergiam nas falas dos

¹ Carmerino de Souza Thethê depoimento citado.

² Pedro Andrade de Souza depoimento citado.

entrevistados quase sempre como um momento de grande alegria e como enfatizou Benjamin (1993: 222-223), “a felicidade capaz de suscitar nossa inveja está toda no ar que já respiramos”. Assim, as reminiscências são reelaboradas e revividas de uma forma capaz de dar as suas vidas, um sentido satisfatório atenuando insatisfações, conflitos e tristezas experimentados no passado.

Nos testemunhos, as festas e diversões mais lembradas foram a burrinha, o bumba-meu-boi, as rezas, os sambas, as “cantorias”, o quebra-pote, pau de sebo, as reuniões nas vendas ou às suas portas, a festa junina, as festas da escola e os passeios dominicais, em que percorriam os caminhos das roças para visitarem amigos ou parentes. Nestes momentos, a comunidade se reunia, abrindo um espaço privilegiado de sociabilidade e afirmação de valores e práticas construídas socialmente por aquele grupo. Estes aspectos citados aparecem nas memórias do Sr. Pedro da seguinte forma:

“Tinha muita diversão naquele tempo. Cantava brinquedo de roda, chamado brinquedo de roda, aquelas música cantava pra dizer verso, sabe. A pessoa desfiava os versos, pra maltratar, tanto pra agradar como pra maltratar as pessoas, entendeu. Entrava o desafio. O brinquedo de roda. Tinha sala de dança, entendeu. Existia a cantoria de tirania, cantar coco, tirania, essa coisa toda. Tudo era diversão do povo. Naquele tempo, parece que o pessoal era mais alegre do que hoje. Era um pobre, mais pobre, que era um pobre mesmo! Mas a alegria era grande, naquela época, a alegria era muito grande. Eu cansei de fazer em adjunto pra manocar fumo³, vinha aquele grupo todo de gente pra quando terminar a manocação de fumo cantar roda até o dia amanhecer. Cantando e dançando, sabe na sala. Fazia reunião pra pilar café, pra depois fazer algum samba. Já não era dança, era samba, entendeu. Sempre quando rezava uma ladainha, fazia sala de dança. Nunca registrou briga. Tudo naquela amizade grande. Naquele tempo existia devoção. O pessoal tinha um tal preceito, esse pessoal mais velho, rezava a quaresma toda. O pessoal daquela região, toda noite ia pra aquela casa. Ouvir aquela reza, uma ladainha, um Santo Ofício. Quando era sábado de páscoa tinha festa pra se dançar. No mês de junho começava as novena, trezena, pro quando terminar aquela novena, trezena, ter sala de dança pro povo dançar.”⁴

Observa-se, que “havia uma forte sincronia entre as festas, atividades produtivas e o meio ambiente” (SANTANA, 1998: 59). O trabalho árduo e pesado era atenuado em momentos de diversão como nos adjutórios e reuniões para pilar café, manocar fumo ou raspar mandioca. Até mesmo as manifestações religiosas como as rezas de ladainha incorporavam elementos da cultura popular. Sendo que, ao término das orações e das refeições (caruru, bolachas, bolos, café, etc.) a sala da casa de quem estivesse oferecendo a reza era tomada pelos participantes e se dava início ao samba, as cantorias de coco e tirana, até altas horas da noite, sempre acompanhadas de muita cachaça, vinhos e licores.

³ Processo de seleção das folhas secas, que são divididas em pequenos molhos chamados de bonecas ou manocas para posterior prensamento.

⁴ Pedro Andrade de Souza depoimento citado.

O adjutório era uma prática comum entre a população rural do Recôncavo Sul. Nestas ocasiões amigos, vizinhos e parentes reuniam-se para auxiliar uma família que precisava de ajuda para realizar algum trabalho pesado ou que requeria pressa e assistência de várias pessoas. Durante os adjutórios, os beneficiados ofereciam comida e bebida aos ajudantes. O trabalho realizava-se num clima de animação, os participantes cantavam cantigas, cocos, tiranas e sambas acompanhados de palmas, constituindo um momento de “entrelaçamento entre trabalho e diversão como uma convivência entre dimensões variadas na vida no campo” (SOUZA, 1998: 180).

Em momentos como este, observa-se que a vida no campo misturava momentos de diversão e sofrimento. A lida diária na roça era marcada pelo trabalho árduo, sob sol ou chuva quase todos os dias da semana. A baixa remuneração dos assalariados, os meeiros que eram obrigados a ceder parte do fruto do seu trabalho, a exploração dos proprietários das fazendas contrastavam com momentos de solidariedade, em que os trabalhadores superavam as dificuldades, reafirmando “a prática efetiva de um tipo de identidade alicerçada nas agruras vividas” (SANTANA, 1998: 54).

Outro espaço privilegiado de sociabilidade no Tabuleiro era o de suas vendas, estabelecimentos comerciais, que constituíam um importante local, não só de trocas econômicas, como também de diversão, “um reduto de lazer popular” como observa Sidney Chalhoub e que define a venda como:

“...centro aglutinador e difusor de informações entre populares. E mais do que isto, a referência a venda como um “observatório popular”, sugere que este é um ponto privilegiado uma espécie de janela aberta para o estudo de padrões de comportamento dos homens pobres (...). E, com efeito, a venda ou o botequim é cenário para o surgimento e desenrolar de rixas e conflitos pelos mais variados motivos, desde os problemas ligados ao trabalho e habitação, passando pelas questões de amor e relações entre vizinhos, e chegando até as contendas por motivos mais especificamente ligados ao lazer, como os jogos (...) ou a bebida.” (CHALHOUB, 1996: 231)

Muitos depoentes trouxeram em suas falas estes vários aspectos que envolvem a vida cotidiana nas vendas, explícitos por Chalhoub, ao relembrem das brigas e assassinatos, das conversas animadas, dos dias que ficavam até altas horas da noite cantando, tocando, jogando e bebendo. Isso demonstra que as vendas não são apenas lugares de trocas comerciais e de “bebedeira”, mas também importantes espaços de sociabilidade e conflitos.

Estes espaços de circulação de pessoas, abertos da manhã à noite, todos os dias da semana, sem fechar para o almoço significavam para os seus frequentadores um momento de lazer e diversão. No qual, contavam “causos”, bebiam cachaça e discutiam os mais diversos

temas “possíveis do universo cultural das roças” (SANTANA, 1998: 82-83) e fora delas. As notícias que ouviam no rádio ou viam na televisão, posteriormente, como acontecimentos políticos nacionais e regionais, esportivos, sociais etc. Eles contavam piadas, faziam adivinhações, falavam sobre a vida pessoal e alheia, criando “significados, valores e práticas” (SANTANA, 1998: 82.) para suas vidas. Situações traduzidas pela Sra. Aurineide Thethê, mais de vinte e cinco anos dedicados ao trabalho na venda da seguinte forma:

“Aí, de tarde, como não tinha a violência que tem hoje, de tarde o povo vinha tudo pra porta da venda, que chovesse ou que fizesse sol. A boca da noite a venda era cheia de gente, uns vinha comprar, outros fazer a feira. Trabalhava o dia inteiro, aí quando era de noite, às vezes, tinha alguma coisa pra vender ou farinha ou cacau, trazia pra vender, outros vinha fazia a feira, outros vinha comprar alguma coisa que tava faltando em casa, outros vinha mesmo beber, tomar uma cachacinha e contar piada. Outros vinha bestando mesmo, pra vê o povo, pra ver todo mundo que tava e conversar a boca da noite. E, às vezes, de dia, quando chegava assim... Antigamente vinha os cavaiadeiros⁵ pra aqui. Na época de 60, 70 e 80 ainda vinha cavaiadeiros aqui. Ai o povo passava aqui, chegava por aqui pra vender animal, barganhar, trocava, fazia barganha, um animal pelo outro, por burro, por cavalo, por boi. Outra ora vendia por dinheiro, fazia esse tipo de negócio, barganha. E, ai de noite os meninos mais novo ia jogar sinuca, outros vinha jogar.”⁶

As lembranças da Sra. Aurineide Thethê trazem à tona outros dois aspectos inerentes ao cotidiano das vendas. Primeiro, sua função social, pois como ponto de encontro privilegiado, muitos se dirigiam para lá especificamente para fechar um contrato como de meação, recrutar trabalhadores para capinar um terreno, podar uma roça de cacau, consertar uma cerca, ou procurar o trabalho de um pedreiro. Outros iam permutar animais e objetos, tratar da compra e venda de terras, ou até mesmo deixar um recado. As vendas tronavam-se um ponto de referência de qualquer vilarejo, não só do Tabuleiro.

Outro ponto seria a presença do jogo nas vendas, fosse do bicho ou de cartas, a maior parte delas oferecia esse tipo de divertimento, mesmo proibido o jogo de azar em algumas épocas. No decreto lei no. 9 215 de 30 de abril de 1946, o presidente Eurico Gaspar Dutra proibiu a prática e a exploração de jogos de azar em todo o território nacional reafirmando a lei de Contraversões Penais de 1941, que já proibía os jogos de azar⁷. O fato é que, estas leis nunca foram plenamente respeitadas. Vários depoentes narraram episódios envolvendo as tentativas da policia de coibir o jogo, quase sempre sem sucesso, já que muitos fugiam às batidas policiais ou jogavam escondidos para evitar possíveis multas e prisões:

⁵ Negociantes de gado bovino, equino e asinino.

⁶ Aurineide Thethê Andrade depoimento citado.

⁷ Dados retirados do site oficial do Senado Federal: <http://www.senado.gov.br>. Consulta feita em Julho de 2003.

“Jogo era centivo, foi o lugar que o povo mais jogou foi o Tabuleiro. O baralho ali não faltava. A polícia dava em cima, Biloca escondia o baralho, pintava o diacho, quando a polícia saía, Biloca botava o baralho e jogava sozinho em cima do balcão, botando as cartas e apontando a dele, botando as cartas e apontando a dele. A polícia vinha, lutava, lutava, mas não acabava.”⁸

Os jogos a dinheiro nas vendas podiam resultar em certos casos de brigas. Havia jogadores que não suportavam perder, além disso surgiam acusações de trapanças ou brigas aconteciam por existir antecedentes que levassem ao ajuste violento da rixa. O Sr. Pedro Andrade, como bom narrador, trazendo em suas falas sempre um ensinamento moral, no trecho de seu depoimento transcrito abaixo, expõe suas impressões a respeito das brigas nas vendas:

“Botava bebida, cachaça, era jogo, coisas que não prestava. Mas nunca registrou uma briga, pois quando começava uma briga, uma confusão, eu falava:
- Isso aqui nem começa nem termina. Aqui não começa briga nem termina, porque quem tiver sua rixa é onde começou, não é na minha casa, por isso aqui é um ponto de prosa não de briga”⁹.

A historiadora Maria Izilda de Carvalho Matos (2001) nos seus estudos sobre alcoolismo e masculinidade na sociedade paulista na segunda metade do século XX. Aponta para as associações que se faziam entre alcoolismo, jogo, fumo, vagabundagem, boemia e violência, constituindo hábitos incompatíveis com as idéias higienistas da época, fugindo ao ideal de sociedade moderna almejado para o Brasil na época. Para os homens do campo o discurso médico da época afirmava que o vício do álcool se “sobrepunha às verminoses e degenerava o caráter do trabalhador rural, gerando nele preguiça, indolência e improdução” (MATOS, 2001: 34). Daí a imagem de que estas práticas ‘são coisas que não prestavam’ como afirmou o Sr. Pedro, reproduzindo velhos discursos que sempre atrelaram o consumo de álcool e a prática de jogos à violência e vícios degenerativos. Todavia, estas representações parecem não afastar os freqüentadores das vendas.

“Ponto de prosa”, assim definiu o Sr. Pedro Andrade às vendas, reafirmando sua função de espaço de sociabilidade. Os freqüentadores das vendas em sua interação com lugar criaram práticas que identificaram o espaço da venda como um ambiente propício às relações de solidariedade entre os indivíduos que o freqüentam. Segundo Certeau (1994: 202) “o espaço é um lugar praticado” e são estas práticas cotidianas que dão a um lugar destinado às relações comerciais o calor da convivência humana.

⁸ Carmerino de Souza Thethê depoimento citado.

⁹ Pedro Andrade de Souza depoimento citado.

Já “Os brinquedos de roda” segundo Sr. Pedro, eram seguidos de versos “tanto pra agradar, como pra maltratar”, revelando outro aspecto importante de cultura popular, o que Peter Burke, chama de caráter “carnavalesco” das festas e formas de diversão das camadas populares na Idade Média e Renascimento, que “enfativavam os temas da renovação, comilança, sexo, violência ou inversão” (BURKE, 1989: 217). Com relação aos sambas de roda, havia espaço para gozações, inversões e “desafios” como observou Sr. Pedro, em outra passagem de sua entrevista:

“Nos brinquedo de roda, aí, fazia muitos versos, né, tanto pra os versos, pra agradar as pessoas como tinha verso pra prejudicar. Prejudicar a pessoa. Ofender outro no verso, sabe. Digamos a pessoa que não gostava de uma moça numa sala de dança, ele falava versos maltratando ela. Ele inventava os versos, maltratando ela. Enquanto ele cantava fazia versos pra agradar, entende, que nem tem muitos versos, que nem digamos assim. A pessoa pegava a cantar brinquedo de roda. O verso dizia assim:

Tu de lá eu de cá
Meia folha de papel
Eu não vou porque não posso
Tu não vem porque nem quer

Outro dizia:

Menina do olhos preto
que olha pra mim chorando
pensando que eu num ti quero
contido tô namorando.

Esse era o verso pra agradar né, e tinha os versos que maltratava. Eu me lembro uma certa feita, eu tinha uma noiva, cabei o casamento e passei a noivo de outra. Aí eu fui pra uma brincadeira dessas e, tava eu com minha noiva. E ela, tava já com um noivo. Aê pegou a cantar brinquedo de roda, aí eu cantei, eu falei uns versos:

Eu tinha um amor
O diabo carregou
Eu agora tenho outro
Entrego a nosso senhor.
O cara falou, o cara respondeu:
Quem tiver raiva de mim
Também pode falar
O diabo carregou
E adiante eu fui buscar.

Aí eu respondi:

Eu num entro no mato
Que não tenho medo de caipira
Não me importo que outro panhe
Aquilo que eu joguei fora.

A gente inventava e jogava. Já era desafio. E agente não disse nada.¹⁰”

A passagem “a gente não disse nada”, ilustra bem como no momento do “brinquedo de roda” a formalidade da vida social dava lugar a liberdade de falar o que se pensava, sobretudo através de versos e desafios. A brincadeira, a gozação eram permitidos, se

¹⁰ Pedro Andrade de Souza depoimento citado.

podia cortejar uma mulher, fazer piadas, agredir alguém verbalmente com versos satíricos, ao mesmo tempo, enaltecer e homenagear.

Outra festa popular tradicional do Recôncavo Sul e, na época, muito praticada no povoado do Tabuleiro é burrinha. Assim como o brinquedo de roda trazia aspectos carnavalescos, principalmente a inversão de papéis sexuais, o improviso dos versos que, geralmente, continha um tom burlador e satírico, e canções acompanhavam a brincadeira, convidando os participantes a liberdade, a alegria e a “vadiagem”, sendo o termo “vadiar” empregado nas canções e versos no sentido de brincadeira, diversão, como no seguinte verso:

“A burrinha de ouro
Evem pra vadiar (3 vezes)
A burrinha de ouro
Evem pra vadiar (3 vezes)
Ô palhaço! Que é vaqueiro
Ô cadê minha burrinha
Que eu mandei fazer?
Cadê minha burrinha
Que mandei fazer?”¹¹

A burrinha é uma espécie de reprodução de um burro, com a cabeça esculpida em madeira e corpo feito de cipó entrelaçado, formando uma estrutura que é forrada por tecido colorido para cobrir o corpo de quem a maneja. Além disso, usavam-se muitas fitas, papéis luminosos e coloridos no chapéu “do dono” da burrinha e no corpo da mesma. A burrinha, nas suas apresentações sempre era acompanhada por tocadores de pandeiro, violão, ganzá, etc. E por três outras figuras: a Catarina, o Caboclo e os palhaços.

A Catarina era um homem transvertido de mulher, que ficava no meio da roda com o Palhaço e o Caboclo (figura 1), fazendo graça e mexendo com os espectadores. A ela também cabia a tarefa de recolher o dinheiro para entregar na “boca do cofre”, uma pessoa responsável pela arrecadação do dinheiro dado pelos participantes da brincadeira. A fotografia a seguir traz consigo a representação destes aspectos inerentes à burrinha aqui descritos.

¹¹ Antonio Jesus Santos depoimento citado.



Figura 1 - fotografia retratando a burrinha, o Caboclo, a Catarina e o Palhaço.

Fonte: autoria própria 12/ 10/ 2006.

O Sr. Antonio Jesus Santos, trabalhador rural da cidade de Mutuípe, foi por muito tempo dono de burrinha, levando seu “brinquedo” para várias cidades da região do Vale do Jiquiriçá. Lembra hoje, com muita saudade da burrinha e das festas que animava. Durante a entrevista, o depoente demonstrou tal empolgação, que decidiu construir uma burrinha para mostrar-se, e talvez na sua atitude estivesse uma tentativa de reviver um passado, para ele de felicidade. Durante a entrevista, ele descreveu assim o clima da festa e sua empolgação na brincadeira, trazendo consigo, elementos carnavalescos das festas populares como define Burke:

“O povo tocava, eu dançava na festa. E quando terminava, que eu tava cansado eu digo: óia, vamos suspender, e vamos vadiar na festa. E eu embalava minha burrinha, bem embaladinha (...). Dona Fia a mãe de cumade Noelha, começou brincar primeira vez. Eu pedi uma roupa dela, ela me deu um vestido avolante, ê diabo! Pegava brinquedo.”¹²

A burrinha, “o brinquedo de roda”, entre tantas outras manifestações culturais ou festas populares da região, que aqui não foram citadas, oportuniza, portanto, não só um momento de diversão que acaba quando termina a festa. As formas de diversão do homem do campo devem ser incluídas nas suas representações culturais, que entrelaçam elementos da vida cotidiana, como o trabalho na roça, as manifestações religiosas, o meio natural, constituindo um universo amplo de investigação histórica e de significados da vida rural. Mas, é preciso observar que estas estão sujeitas aos movimentos históricos, como a introdução de elementos da modernidade nas formas de diversão tradicional, por exemplo, não podem ser vistas apenas como destruidores das festas populares, “desqualificando-as, por ameaçarem certa autenticidade e espontaneidade, decorrentes de sua pretensa origem popular” (ALMEIDA, 2003: 100).

¹² Idem.

Assim, deve-se ter cuidado em afirmar que as festas estão acabando unicamente por causa das inovações técnicas. A impressão que fica a partir das observações dos testemunhos é de que elas estão sempre se transformando, com sentido e possibilidades diversos, envolvendo questões muito complexas, que vão além do avanço técnico científico. Mas, é importante destacar que as práticas de sociabilidade ganham sentido e significados para os indivíduos que a experimentam, porque são compartilhadas entre os sujeitos da relação social. Em momentos de festas, de lazer, na vida de todo dia, que estes homens simples e anônimos, que têm como palco a vida cotidiana, constroem significados, vivenciam conflitos e deixam na história suas marcas (MARTINS, 2000: 55-64).

Fontes Orais:

1. Antonio Jesus Santos, 81 anos de idade, trabalhador rural. Primeira entrevista em 13/07/2003, 15 minutos, segunda entrevista em 20/07/2003, 10 minutos.
2. Aurineide Thethê Andrade, 49 anos de idade, trabalhava na venda Santa Ana. Reside na sede do município. Entrevistas em 30/07/2003, 20 minutos 14/04/2007, 8 minutos.
3. Carmerino de Souza Thethê, 78 anos de idade na época da entrevista, proprietário rural. Residia no município de Mutuípe. Entrevista em 16/03/2003, 35 minutos.
4. Pedro Andrade de Souza, 73 anos de idade, pequeno proprietário rural. Reside no povoado do Tabuleiro, município de Mutuípe. Entrevista em 06/07/2003, 45 minutos.

Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino. **Identidades étnicas e culturais**: novas perspectivas para história indígena. In: ABREU, Marta; SOIHET, Raquel (orgs). Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BURKE, Peter. **Cultural popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis- RJ: Vozes, v.1, 1994.
- CHALHOUB Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Meu lar é o botequim**: alcoolismo e masculinidade. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.
- SANTANA, Charles D'Almeida. **Fatura e Ventura camponesa**: Trabalho, cotidiano e migrações. Bahia, 1950 – 1960. São Paulo: Annablume, 1998.
- SOUZA, Edinéia Maria Oliveira. **Trabalhadores do campo**: práticas de sobrevivências e relações de poder no Recôncavo Sul da Bahia. In: Revista Contraponto, Salvador, 1998.